

# Emigração para o Brasil (1834-1926): Os números e a autobiografia - sair, viver e regressar na primeira pessoa.

## INTRODUÇÃO

Depois das teorias clássicas para os estudos da mobilidade, uma extensa bibliografia dá-nos conta dos autores e das perspectivas de abordagem ao problema da emigração que Jorge Alves [1994] resume:

«Os contornos dos fluxos e destinos, as políticas adoptadas (Miriam Halper Pereira), o seu papel no quadro da dependência externa (C. Almeida e A. Barreto), o seu enraizamento estrutural (V. M. Godinho), as suas implicações no processo de desenvolvimento nacional [...].

Mais recentemente, têm surgido estudos que colocam em confronto, sob prismas diversos, os dois pólos em relação - espaços de partida e de chegada (Pescatello, Rocha Trindade).

Finalmente, o fenómeno migratório tem também sido observado numa perspectiva de micro-análise, integrado em abordagens mais totalizantes de comunidades rurais de origem (Arroteia, Brettel, F. Brandão) ou de comunidades de emigrantes no estrangeiro, focalizando os processos sociais e/ou as experiências vividas (T. Monteiro, F. Neto)».

Num contexto micro, através de cerca de doze mil passaportes do Administrador do Concelho e servindo-nos de uma fonte nunca antes trabalhada procuramos aprofundar a caracterização dos naturais migrantes no período de 1834-1926, tendo em conta os diferentes destinos regionais e intercontinentais, particularmente para o Brasil e detectar aí os quadros sociais e económicos de diferenciação condicionadores das duas opções migratórias.

Partimos para este estudo na ideia de confirmar a hipótese de que a Migração interna correspondia às classes sociais desfavorecidas e Emigração para o Brasil a indivíduos provenientes da classe média e alta, particularmente até aos finais do século XIX.

Noutra perspectiva e através da análise de conteúdo feita a um relato autobiográfico de um emigrante do Brasil que regressou definitivamente a

Fafe, no segundo quartel do século XIX, permite-nos compreender a história de vida, bem como a experiência emigrante no Rio de Janeiro e em particular o sentido do discurso que fez da sua própria vida.

## OS NÚMEROS

A emigração portuguesa para o Brasil tornou-se significativa na primeira década do século XIX. Este facto não pode ser dissociado da ida da família Real e do governo de Portugal para o outro lado do Atlântico, nem o que veio a ocorrer de inovador na segunda metade do mesmo século.

A independência do Brasil em 1822, decorrente da Revolução Liberal Portuguesa de 1820, terá influenciado fortemente a emigração dos Portugueses para o Brasil.

Numa perspectiva micro-analítica, apresenta-se aqui, além dos números referentes à emigração do Município de Fafe entre 1834 e 1926, uma análise de conteúdo<sup>1</sup> à autobiografia de Francisco José Leite Lage.

Na tabela -1 e Gráfico - 1 apresentamos alguns valores que caracterizam a mobilidade dos naturais de Fafe que requereram autorização para se deslocarem para outras regiões do país (migração interna) e para o Brasil, e dos que, sendo naturais de Fafe tinham residência no distrito do Porto.

**Tabela 1- Migração e emigração por género, estado civil e alfabetização.**

	Migração (1834-1862)	%	Emigração dos naturais de Fafe (1834-1926)	%	Emigração dos naturais de Fafe que saíram do Porto (1836-1885)	%
<b>Total</b>	<b>3510</b>	<b>100</b>	<b>7321</b>	<b>100</b>	<b>1384</b>	<b>100</b>
Masculino	<b>3494</b>	<b>99</b>	<b>6663</b>	<b>91</b>	<b>1346</b>	<b>97</b>
Feminino	<b>16</b>	<b>1</b>	<b>658</b>	<b>9</b>	<b>38</b>	<b>3</b>
Solteiros	<b>1584</b>	<b>45</b>	<b>4660</b>	<b>64</b>	<b>1056</b>	<b>76</b>
Casados	<b>1433</b>	<b>41</b>	<b>2401</b>	<b>33</b>	<b>263</b>	<b>19</b>
Viúvos	<b>31</b>	<b>1</b>	<b>139</b>	<b>2</b>	<b>21</b>	<b>2</b>
Celibatários	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
E. Civil não referido	<b>454</b>	<b>13</b>	<b>117</b>	<b>1</b>	<b>44</b>	<b>3</b>
Escreve	<b>111</b>	<b>26</b>	<b>3273</b>	<b>64</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
Não escreve	<b>316</b>	<b>74</b>	<b>1877</b>	<b>36</b>	<b>65</b>	<b>-</b>
Alf. Desconhecida	<b>3083</b>	<b>-</b>	<b>2171</b>	<b>-</b>	<b>1319</b>	<b>-</b>

<sup>1</sup> Os procedimentos deste método baseiam-se numa “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (análogo), com os critérios previamente definidos”. (Bardin: 1977, 117)

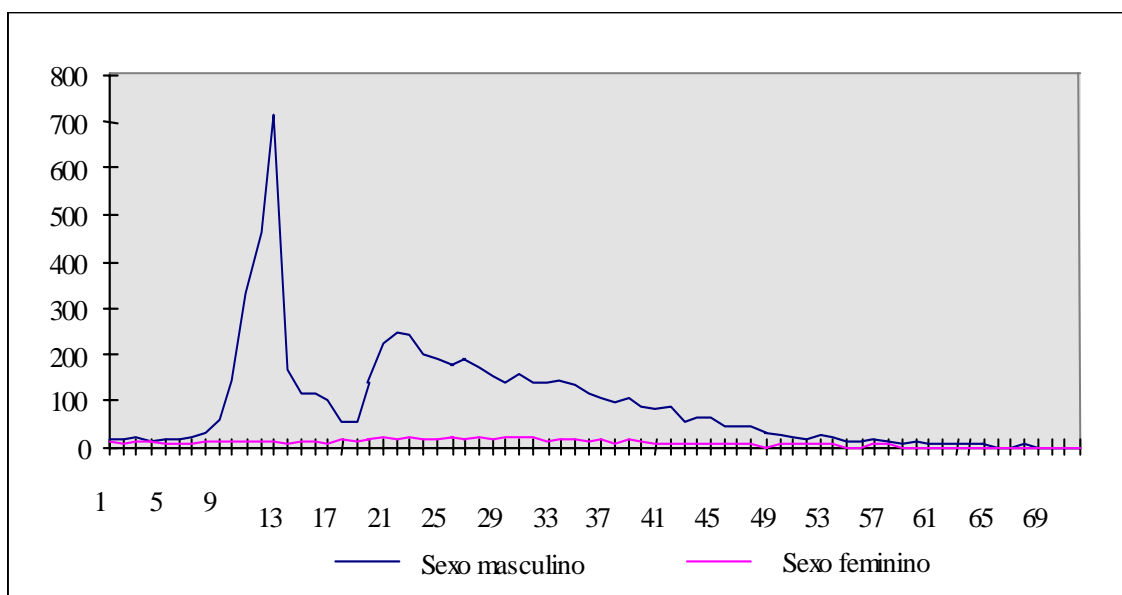
Entre os anos de 1834 e de 1862, 3510 indivíduos naturais e/ou residentes no concelho de Fafe, requereram guia de trânsito para se dirigirem para destinos regionais; entre 1834 e 1926, 7321 indivíduos, declararam, junto da administração do concelho de Fafe, desejar sair para outros países ou continentes; entre 1836 e 1885, 1384 indivíduos requereram, junto do Governador Civil do Porto, documentação para sair do país, como naturais do concelho de Fafe.

Assim, segundo os dados referidos, saíram para diferentes destinos um total de 12215 indivíduos, naturais do concelho de Fafe, de acordo com a distribuição supra - indicada.

Analisando os dados totais, tendo em conta os períodos em que ocorreram as saídas: 28 anos para as saídas regionais, 92 anos para as saídas com destinos externos dos naturais e/ou residentes em Fafe e 49 para o mesmo tipo de destino, mas naturais de Fafe e residentes no Porto, observamos que:

No que se refere ao género, predominam nos três grupos os indivíduos do sexo masculino sobre os do sexo feminino e quanto ao estado civil predominam os solteiros.

**Gráfico 1 - A idade e o género**



Através do gráfico, verificamos que a idade da emigração feminina é muito regular e uniforme, estando este grupo representado por todas as idades em valores muito pouco significativos. Na emigração masculina, predominam, fortemente, as

idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos, apresentando uma forte diminuição no grupo etário dos 14-21 anos.

O gráfico indica, para os do sexo masculino, uma forte incidência nos 22 e 23 anos de idade, verificando-se uma progressiva tendência decrescente até atingir valores muito reduzidos e nulos a partir dos 60 anos de idade.

No que se refere à emigração masculina, existe um condicionamento de natureza militar para as idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos.

### **A autobiografia**

**Sair, Viver e Regressar na primeira pessoa.**

Análise de conteúdo da autobiografia de Francisco José Leite Lage depositada na Confraria da Misericórdia de São José de Fafe, em que se relata: o itinerário e a trajetória desde o seu nascimento em 1814, em Cepães - Fafe; a emigração para o Brasil, em 1827; o regresso definitivo à freguesia de origem, em 1861; o início da construção da sua casa e o fim do texto autobiográfico em 1870.



Foto: Uma família do Minho – Séc. XIX (Casa Museu Nogueira da Silva - Braga)

O texto em análise é um manuscrito antecedido do título “Nascimentos” onde o autor refere o seu nome completo, o da mulher e o dos sete filhos, bem como as respectivas datas de nascimento.

A expressão “Autobiografia” inicia o texto, donde se conclui que Francisco Leite Lage, com 56 anos de idade, tinha a intenção de construir uma narrativa cronologicamente coerente, decorrente de numa prática criteriosa de anotações.

O texto biográfico, escrito na primeira pessoa, começa em 1814 com o seu nascimento e termina em 1870, quando já se encontrava instalado definitivamente no lugar onde nascera e que designa, quando regressa, por “casa da Lage”.

O lugar da Lage corresponde ao nome da casa e da família, onde implanta uma Casa Apalaçada vulgarmente designada por “Casa do Brasileiro”.

O texto em análise, depois de dactilografado em Arial -12, espaço duplo, passou a ter 8 páginas, 2345 palavras, 59 parágrafos, 10259 caracteres excluindo os espaços, 12571 caracteres incluindo os espaços e 178 linhas.

A técnica de análise utilizada conduziu à definição de 9 categorias de sentido, através da agregação de expressões discursivas de referência, as quais foram subdivididas em subcategorias, correspondendo a cada uma das expressões de conteúdo:

**A- Origem e cultura:** nesta categoria organizam-se as referências à naturalidade e ao baptismo que dão sentido ao regresso e a Deus como entidade protectora.

**B- Viagem para o Brasil:** referências à viagem, desde que sai de casa até à sua chegada ao Brasil.

**C- Vivências no Rio de Janeiro:** todas as ocorrências vividas no Brasil, desde que chega, até à posição de empresário comercial.

**D- Entre o Brasil e Portugal:** as referências à sua vinda a Portugal e a decisão de regressar definitivamente.

**E- Retorno definitivo:** a chegada a Lisboa.

**F- Viagem de retorno: Lisboa a Cepães:** o trajecto e ocorrências de Lisboa até à casa dos pais.

**G- Passeio pela província:** A viagem que faz com alguns amigos a Viana do Castelo e a Caminha.

**H- Construção da casa da Lage e outras obras:** referência sobre a construção da sua casa e outras obras, bem como a ida para Lisboa para passar os Invernos enquanto se construía a casa.

**I- Reflexão e trajetória:** as apreciações que faz nos momentos mais significativos da sua vida.

Deste modo, foi-nos possível quantificar cada um dos itens e comparar os valores correspondentes, dos quais se extraíram as conclusões de sentido.

**Tabela 2 – Representação quantitativa do conteúdo**

<b>CATEGORIAS</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>%</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>%</b>
<b>A- Origem e cultura</b>	1	2.3	2	1.4
<b>B- Viagem para o Brasil</b>	4	9.1	5	3.5
<b>C -Vivências no Rio de Janeiro</b>	13	29.5	32	22.1
<b>D- Entre o Brasil e Portugal</b>	4	9.1	9	6.2
<b>E- Retorno definitivo</b>	1	2.3	4	3.4
<b>F- Viagem de retorno: Lisboa a Cepães</b>	12	27.3	49	33.1
<b>G- Passeio pela Província</b>	1	2.3	9	6.2
<b>H- Construção da casa da Lage e outras obras</b>	3	6.8	26	17.9
<b>I- Reflexão e trajetória</b>	5	11.3	9	6.2
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>100.0</b>	<b>146</b>	<b>100.0</b>

No entanto faremos aqui a análise detalhada do conteúdo das categorias da tabela n.2

### **1. - “Viagem de retorno: Lisboa a Cepães”**

A viagem de retorno definitivo, com 49 expressões para um total de 146, correspondendo a 33,1%, constitui-se como a mais longa e a mais pormenorizada do texto e que nos permitiu seguir o itinerário.

A viagem inicia-se, no dia 5 de Junho (1861), em Lisboa. Chega à cidade do Porto no dia 10, onde permanece até ao dia 19. Chega a Guimarães no dia 20. Vai a Vizela, dia 21, terminando em Cepães no dia 22.

Desloca-se em comboio de Lisboa até ao Carregado onde alugando um coupé. Descreve o itinerário, indicando sistematicamente todas as terras por onde passa; o nome das hospedarias onde janta, almoça e pernoita; as horas de chegada e partida.

Itinerário:

No dia 5 de Junho sai para o Porto passa pelas estações Poço do Bispo, Olivais, Sacavém, Povoia, Alverca, Alhandra, Vila Franca, Carregado, onde entra para um coupé alugado. Passa por Alenquer, Ota, Espinheiro, Cercal, (onde janta). Segue por Aceiceira e chega às Caldas da Rainha às 6 da tarde e pernoita.

Sai no dia 6, às 5 da manhã, passa por Vale da Maceira, chega a Alcobaça, às 9 h onde almoça. Passa por Cumieira, S. Jorge, mosteiro da Batalha, (donde saíu às 5 h a da tarde) passa por Azoita chega a Leiria (onde pernoita). Às 4 da manhã do dia 7, sai, passando pelo lugar das Machadas, chegando a Pombal às 8 h (onde almoça), passa pela Vila Bestinha, Vendas Novas, Condeixa e chega a Coimbra às 5 horas (onde pernoita).

O dia 8 é reservado para visitar a cidade de Coimbra.

Às 4 h da manhã do dia 9 sai, passando por Fornos, Carqueijo, Mealhada, Pedreira, Ponta da Pedra, Avelãs, Aguada e Mourisca, Ponte do Vouga, Albergaria a Velha, Albergaria a Nova, Pinheiro da Bemposta, Ponte do Pégo e Oliveira de Azeméis, onde pernoita.

Às 5 h da manhã do dia 10 sai, passando por Pico, S. João da Madeira, Arrifana, Souto Redondo, Vendas Novas, Vergadas, Grijó, Carvalhos, Arroios, Alto da Baneira, V.N. de Gaia.

Demora-se no Porto até 19 de Junho.

No dia 20, pelas 5 h da manhã, sai do Porto, passa por Famalicão e segue para Guimarães (onde pernoita). No dia 21 foi a Vizela, visitar amigos que lá estavam a banhos, voltando para Guimarães. No dia 22 segue para a freguesia de Cepães.

Vai acompanhar o seu ex-patrão e primo Castro Leite à sua casa das Nogueira, vindo para a casa da Lage, onde encontra a sua mãe e seus irmãos José, Joaquina e Maria.

Nesta viagem, elige como lugares privilegiados de visita:

A cidade de Lisboa, Sintra, Mafra, os Mosteiros de Alcobaça e da Batalha, a pá de ferro da padeira Brites de Almeida de Aljubarrota;

A cidade de Coimbra, visitando “a Universidade, o Observatório, as livrarias, o Penedo da Saudade, a Quinta das Lágrimas”, referindo que foi aqui onde foi assassinada D. Inês de Castro e, por último vai ao “belo Passeio e o Jardim Botânico”;

A cidade de Guimarães é também motivo de visita, bem como a feira que se realizava no dia 22;

## **2. “Vivências no Rio de Janeiro”**

Leite Lage valorizou, em segundo lugar, a categoria “Vivências no Rio de Janeiro”, com 13 sub- categorias e 32 expressões, a que corresponde 22,1% do total, descrevendo as experiências vividas, desde 1827 a 1861, onde realça ser recebido e hospeda-se na casa do primo Castro Leite, para quem leva carta de recomendação, mesmo tendo no Rio de Janeiro o irmão António.

Inicia a actividade de caixeiro com 13 anos em lojas de secos e molhados, negócio que, por lhe desagradar, justificou um dos seus despedimentos, preferindo o negócio de couros.

Conhece cinco patrões, referindo sempre os nomes completos de todos eles e a localização das lojas em que trabalha.

O irmão, anos mais tarde, na qualidade de patrão e em sociedade com outros, exige-lhe um tratamento de distância mútua.

Depois de ser caixeiro do irmão, passa a ser seu sócio, lamentando ter de aguardar 9 anos para obter esta sociedade.

Compra a loja de couros ao irmão, recorrendo à ajuda do primo Fortunato para financiar o negócio, sem que o irmão lhe fizesse qualquer desconto.

Os primos Castro Leite e Fortunato revelam-se grandes amigos e protectores.

Conhece a prisão, por razões políticas, devidas ao conflito entre brasílicos e reinóis (Abril de 1831).

Por último, compra o prédio onde estava instalada a loja, indicando as circunstâncias do negócio, bem como os valores envolvidos

## **3. “Construção da casa da Lage outras obras”**

Nesta categoria usa 26 expressões distribuídas, correspondendo a 17,9% do total para se referir à Construção da casa da Lage e outras obras” em 1861, com 57 anos, mandando, depois, construir casa para reserva das irmãs, as casas para o caseiro, alpendres e eira.

Enquanto a casa se constrói vai para Lisboa passar os Invernos de 1861, 1862 e 1863.

Enquanto está em Lisboa, o irmão José, que nunca emigrara, encarrega-se de pagar aos pedreiros.



Descreve a viagem para Lisboa em 1861, que demora apenas dois dias e a de regresso para passar a Páscoa com a família

#### **4. - “Reflexão e trajectória”**

Nesta categoria agregamos as expressões em que Leite Lage faz referências ao que foi a sua vida, correspondendo as 9 expressões a 6,2%.

Leite Lage escolhe cinco momentos para reflectir sobre a existência:

Tempo de Caixeiro: dizendo que foram 14 anos de pobreza e provação tendo ele seguido o sistema de gastar só metade do que ganhava e apesar de todas as suas economias, da grande sujeição em que vivia e das apoquentações por que passou, só tinha podido juntar uma pequena quantia.

Empresário: compra da loja ao irmão sem abatimento dando-lhe tudo quanto ele quis. Consegue a compra com a ajuda de Deus e a protecção do primo Fortunato que lhe emprestou o dinheiro que precisava para comprar as 12 apólices que tinha de dar ao irmão e também o dinheiro necessário para as transacções comerciais.

Estratégia e recursos: foi com a protecção do verdadeiro amigo e com a ajuda de Deus que lhe deu saúde e inteligência para dirigir os negócios, seguindo o sistema que adoptou quando era caixeiro de só gastar metade dos rendimentos.

Escolhe os filhos e a mulher como os herdeiros da capitalização da outra metade.

Compra o prédio da loja, porque estava em risco de ser demolido para alargamento da rua.

A desapropriação era por 12 contos, mas como felizmente não foi demolido o prédio, por se ter dissolvido a Companhia Edificadora, diz que o valor dele passou a ser o dobro do que custou.

Sucesso: ao fim de 30 anos e 30 dias, diz que tinha chegado à loja que comprara com uma carta de recomendação para o dono dela, o primo João António de Castro Leite, com um cruzado novo na algibeira e com uma pequena trouxa de roupa, pois a caixa tinha ficado no navio tomado pelos corsários argentinos em 1827 e que jamais podia imaginar, nesse tempo, que aquela loja de couros e o prédio onde ele estava seria tudo seu.

Este prédio passou a dar-lhe o rendimento suficiente para viver decentemente o resto da vida.

## **5. “Entre o Brasil e Portugal”**

Nesta categoria organizamos as referências à sua vinda a Portugal e a decisão de regressar a Portugal definitivamente, surgindo com 6,2% das expressões.

O retorno às origens surge justificado pela visita à família, o lograr boa saúde e avaliar da conveniência de ficar definitivamente em Portugal, usando 8 expressões.

Aos 44 anos de anos vem a Portugal visitar a família, também “para ver se lograva boa saúde e se me convinha ficar cá definitivamente, deixando a loja entregue ao caixeiro José da Silva (Santos), a quem dei interesse em metade dos lucros”.

Em 1859, volta para o Brasil com tenção de vender a loja e fixar residência em Portugal. Em 31 de Dezembro de 1860 liquida todas as contas com os credores e vende a loja ao seu sócio José da Costa Ferreira Santos. Em 1861, depois de liquidados todos os negócios entrega ao primo Fortunato J. S. uma procuração bastante para ele receber os alugueis do seu prédio, e as letras quando se fossem vencendo,

“E vim para Portugal na companhia de meu primo e ex-patrão João <sup>a</sup> de Castro Leite e de A. G. de Oliveira Guimarães embarcamos no vapor francês Navarra a 25 de Março”.

## **6. “Passeio pela província”**

Os passeios pela província constituíam uma das significativas características dos capitalistas e comendadores servindo de justificação a visita aos amigos.

São usadas, para isso, 9 expressões, ou seja 6,2%

Para esta viagem Leite Lage Justiça-a com o facto do primo Casto Leite ter de visitar um seu compadre em Viana do Castelo, convidou-a para o acompanhar e fazer uma digressão até Caminha, tendo também convidado o sobrinho dele Manuel de Castro Leite, o primo Oliveira, os dois cunhados de Urrães e o Guimarães que também tinha sido companheiro de viagem do Rio.

Saem na madrugada de 29 de Julho de 1861 num grupo de sete, deslonado-se em cavalos até Guimarães. Nesta Cidade alugam uma caleche, indo por Famalicão até Braga onde demoram dois dias, sendo um dos dias passado no Bom Jesus. Depois seguem por Barcelos em direcção a Viana do Castelo e de lá vão para Caminha.

Depois de efectuarem a visita, voltam a V. N. de Famalicão, seguindo uns em direcção ao Porto, dizendo que as estradas eram boas.

O primo Castro Leite, o Guimarães, ele e os outros quatro voltam para Cepães onde chegam na tarde de 6 de Agosto.

### **7. “Retorno definitivo”**

No Retorno definitivo integramos as expressões de referência sobre a chegada a Lisboa, com 3,5% das expressões onde indica o dia 15 de Abril para a chegada a Lisboa, estada de 8 dias no Lagareto, o desembarque no Terreiro do Paço, no dia 22 de Abril e a hospedagem no Pedro Alexandrino, na rua da Betesgas em frente à Praça da Figueira., usando 5 expressões na sub-categoria: “chegada, desembarque e hospedagem em Lisboa”.

### **8. “Viagem para o Brasil”**

Para esta categoria construímos 4 subcategorias e 5 expressões de conteúdo: saída, 1; embarque, 1; tomada pelos corsários e transbordo, 2; chegada ao Rio de Janeiro , 1, correspondendo a 3,4% das 146.

Diz que saiu de casa de seus pais para a cidade do Porto, em 28 de Maio de 1827, embarcando para o Rio de Janeiro a 4 de Junho. O barco foi tomado pelos corsários argentinos. Ele e os demais passageiros foram transbordados para bordo da galera Príncipe Real, entrando na barra do Rio de Janeiro a 1 de Agosto de 1827.

Estamos perante a saída de uma criança do sexo masculino que nasceu em 1814 e que emigra com 13 anos de idade para o Brasil. Não refere se viajou para o Porto sozinho ou acompanhado. Face à data de saída terá embarcou no rio Douro, num barco à vela.

### **9. “Origem e cultura”**

Nesta categoria organizam-se as referências à naturalidade e ao baptismo que dão sentido ao regresso e a Deus como entidade protectora, como a menor das atenções dadas pelo autor com 1,4 % expressões

Diz que nasceu no dia 15 de Agosto de 1814 e que foi baptizado a 17 do dito mês, na freguesia de S. Mamede de Cepães.

Restringe-se apenas a localizar no tempo e no espaço o seu nascimento e a identificar que foi baptizado, conferindo-lhe uma atitude religiosa católica. Esta atitude de crença é referida no texto como justificadora do sucesso.

## **Conclusão**

Deste modo, foi-nos possível quantificar cada um dos itens e comparar os valores correspondentes, dos quais se extraíram as conclusões de sentido.

Às 9 categorias criadas, correspondem 146 expressões de conteúdo.

Pela distribuição quantitativa destas expressões, infere-se que Leite Lage valorizou:

Viagem de retorno: Lisboa a Cepães: o trajecto e ocorrências de Lisboa até à casa dos pais, 33,1 %; Vivências no Rio de Janeiro: todas as ocorrências vividas no Brasil, desde que chega, até à posição de empresário comercial, 22,1 %; Origem e cultura: nesta categoria organizam-se as referências à naturalidade e ao baptismo que dão sentido ao regresso e a Deus como entidade protectora, 1,4%; Viagem para o Brasil: referências à viagem, desde que sai de casa até à sua chegada ao Brasil, 3,4%; Construção da casa da Lage e outras obras: referência sobre a construção da sua casa e outras obras, bem como a ida para Lisboa passar os Invernos enquanto se construía a casa, 17,9 %; Entre o Brasil e Portugal: as referências à sua vinda a Portugal e a decisão de regressar definitivamente, 6,2%; Retorno definitivo: as expressões sobre a chegada a Lisboa, 3,5%; Passeio pela província: a viagem que faz com alguns amigos a Viana do Castelo e a Caminha, 6,2%; Reflexão e trajectória: as apreciações que faz nos momentos mais significativos da sua vida, 6,2%;

Noutra perspectiva, das 9 categorias criadas, 7 referem-se a contextos de viagem e, da totalidade das 146 expressões de conteúdo, 71 referem-se a situações de viagem: “Viagem para o Brasil”- 5; “Entre o Brasil e Portugal”- 9; “Retorno definitivo”- 5; Viagem de retorno: Lisboa a Cepães- 43; Passeio pela província – 9, donde se conclui

da importância atribuída às viagens e ao que supomos preenchia a preocupação central ao fazer estes registros.

Neste sentido, concluímos que Leite Lage procurou, fundamentalmente, registrar as vivências das viagens e em viagem e a trajetória decorrente da experiência pessoal vivida como emigrante no Brasil entre 1827-1861.

**“Assim são as coisas deste mundo! Só Deus é grande!”**



**Casa de Francisco José Leite Lage (28-9-1861) -1866)**



**Casa dos caseiros de Francisco José Leite Lage (1868-1870)**

### Francisco J. Leite Lage

Auto-biografia – Nasci no dia 15 de Agosto de 1814 e fui baptizado e fui baptizado a 17.

Saí de casa de meus pais para a cidade do Porto em 28 de Maio de 1827, e embarquei para o Rio de Janeiro a 4 de Junho no brigue Invencível. Esse barco foi tomado pelos corsários argentinos nas alturas de Cabo Frio no dia 26 de Julho e no dia 27 fui e os mais passageiros transbordado para bordo da galera Príncipe Real e nela entramos na barra do Rio de Janeiro a 1 de Agosto de 1827.

Fui nesse mesmo dia para casa de meu primo, José António de Castro Leite, estabelecido com loja de couros, na rua da Quitanda, n.º 4, para quem levava carta de recomendação

Ali estive como hospede até me aparecer colocação.

A 18 de Outubro de 1827 fui de caixeiro para casa de Francisco José da Silva Braga, estabelecido com casa de secos e molhados na Rua do Sabão, n.º 175. O Braga vendeu a casa do negócio em 20 de Maio de 1828 a Jorge de Oliveira que tinha sido soldado.

Continuei caixeiro de Jorge de Oliveira, porem, não o podendo aturar (por ser muito mau) despedi-me 20 de Março de 1830, saindo da casa no dia 30.

Fui para caixeiro de João José da Silva Vieira com armazém de secos e molhados, na rua do Rosário, n.º 98, Canto da rua dos Ourives e lá estive ao fim do ano de 1830, porém, não sendo do meu agrado aquele negócio e tendo a ocasião de colocar-me em loja de couros, despedi-me, e fiz contas no fim de Dezembro de 1830, recebendo do resto dos meus salários 6\$419 is. Era esta toda a minha fortuna no fim de 3 anos e 4 meses de sofrimento e provações no Rio de Janeiro!

Em 1 de Janeiro de 1831, entrei para caixeiro de meu primo João António de Castro Leite, com loja de couros na rua da Quitanda n.º 40, canto da rua do Cano, sendo sócios da mesma Joaquim José Ribeiro Lima e meu irmão António José Leite Lage, o qual me impôs a condição quando entrei de não nos tratarmos como irmãos: que lhe chamaria Sr. António e ele a mim de Sr. Francisco

No dia 4 de Abril de 1831 fui preso, o meu patrão Castro Leite, o sócio Lima e cinco vizinhos que estavam a conversar na loja, isto por sermos portugueses e terem dado uma denúncia falsa de que meu patrão mandara vir portugueses de Portugal para armar contra o Brasil

Estivemos presos na sala do carcereiro até 9 de Abril, e nesse dia conhecendo o Juiz do crime que a denúncia era falsa, deu-nos ordem de soltura.

O carcereiro por nos conservar nas salas (para não entramos na cadeia) levou-nos 100\$000 is a cada um. Felizmente para mim esta quantia e as mais despesas que me tocaram foram pagas pela loja de negócio por eu ter sido preso dentro do balcão.

No fim do ano de 1833 meu primo e patrão João António de Castro Leite venderam a loja de couros a meu irmão António J. L. L..

E eu fiquei caixeiro de meu irmão, prometendo ele de dar-me interesse quando pudesse, o que eu supus ele fizesse no fim de 3 ou 4 anos, mas tive de esperar 9 anos!

Em fins de 1841 foi-me oferecida sociedade em uma loja de couros que queria montar Bernardino de tal, que vinha do Rio Grande do Sul.

Em vias disto meu irmão não teve remédio, para eu não sair, senão dar-me sociedade há 9 anos prometida.

Entre para sócio, interessado na terça parte, no 1.º de Janeiro de 1842. Entrei com os restos dos meus salários para fundos de sociedade, os quais, tendo eu seguido o sistema de gastar só metade do que eu ganhava e apesar de todas as minhas economias, da grande sujeição em que vivia e das apoquentações que passei, só tinha podido juntar a quantia de 1.201\$550 is, moeda fraca, isto no fim de 14 anos de caixeiro

Tendo falecido meu pai em 2 de Maio de 1842 meu irmão António resolveu vir a Portugal.

Como eu tinha de ficar com todos os encargos do negócio, combinamos eu ficar interessado em metade dos lucros e perdas. Isto principia em 1 de Janeiro de 1843.

Meu irmão demorou-se em Portugal 3 anos, voltando em 1846. Conservamos a sociedade até aos fins de 1849.

Fui sócio com meu irmão António 7 anos.

No fim do ano de 1849 comprei-lhe a loja de couros, sem abatimento algum nem em dívidas em fazendas, dando-lhe tudo quanto ele quis que foram 12 apólices da dívida pública do Império do Brasil.

No dia 1.º de Janeiro comecei o negócio por minha conta e com a ajuda de Deus e a protecção do meu primo Fortunato que me emprestou o dinheiro que eu precisava para comprar as 12 apólices que tinha de dar a meu irmão e também o dinheiro necessário para as minhas transações comerciais.

Foi com a protecção deste meu verdadeiro amigo e com a ajuda de Deus que me deu saúde e inteligência para dirigir os meus negócios, seguindo sempre o meu bom sistema que adoptei quando era caixeiro de só

gastar metade dos meus rendimentos, capitalizando a outra metade em benefício de meus filhos e da minha mulher e mais herdeiros.

Em 1853 faleceu a Sr.<sup>a</sup> D. Leonor de Oliveira Mascarenhas, dona do prédio da Rua da Quitanda, n.º 40, em cujo prédio existia a minha loja de couros. Em testamento deixou metade desse prédio ao P. David S. Oliveira Mascarenhas e a outra metade ao Dr. João Torcato ° Mascarenhas.

Comprei a metade pertencente ao P. David ° Mascarenhas em 31 de Agosto de 1857.

Fazia nesse dia 30 anos e 30 dias que eu tinha chegado a essa mesma loja com uma carta de recomendação para o dono dela e que era meu primo João António de Castro Leite, com um cruzado novo na algibeira e com uma pequena trouxa de roupa, pois a caixa tinha ficado no navio tomado pelos corsários argentinos em 1827

Mal eu pensava nesse tempo que aquela loja de couros e o prédio onde ele estava seria tudo meu.

Este prédio dá-me o rendimento suficiente para eu viver decentemente o resto da minha vida. Assim são as coisas deste mundo! Só Deus é grande!

Em 8 de Outubro de 1857 comprei outra metade do prédio ao Dr. Oliveira Mascarenhas. O preço por que o comprei consta do copiadore de cartas e lembranças, fls.12. Comprei-o assim porque estava em risco de ser demolido para alargamento da rua..

A desapropriação era por 12 contos, como felizmente não se realizou por se ter dissolvido a Companhia Edificadora, posso dizer que agora vale o dobro do que me custou.

No ano de 1858 vim a Portugal visitar a família, também para ver se lograva boa saúde e se me convinha ficar cá definitivamente.

Deixei a loja entregue ao caixeiro José da Silva Souto, a quem dei interesse em metade dos lucros.

Em 1859, voltei para o Brasil com tenção de vender a loja e fixar residência em Portugal.

Em 31 de Dezembro de 1860 liquidei todas as contas com os credores e vendi a loja ao meu sócio José da Costa Ferreira Souto. Que depois dos abatimentos que lhe fiz nas dívidas de alguns fregueses e nas fazendas me ficou a dever 9.600\$000 is; e cuja quantia ele passou e aceitou e aceitou 16 letras de 600\$000 is cada uma, a vencer uma cada mês (que ele pagou pontualmente nos seus vencimentos), tendo por isso liquidado contas com ele.

Em 1861, depois de liquidados todos os meus negócios entreguei a meu primo Fortunato J. S. uma procuração bastante para ele receber os alugueis de meu prédio, e as letras quando se fossem vencendo, e vim para Portugal na companhia de meu primo e ex-patrão João <sup>a</sup> de Castro Leite e de A. G. de Oliveira Guimarães.

Embarcamos no vapor francês Navarra a 25 de Março e chegamos a Lisboa a 15 de Abril. Estivemos no Lazareto 8 dias e desembarcamos no Terreiro do Paço a 22 de Abril. Hospedamo-nos no Pedro Alexandrino, na rua da Betesgas em frente à Praça da Figueira, demorando-nos para ver Lisboa, Sintra, Mafra, etc.

No dia 5 de Junho saímos para o Porto no caminho-de-ferro às 8 da manhã, passando pelas estações Poço do Bispo, Olivais, Sacavém, Povia, Alverca, Alhandra, Vila Franca, Carregado, onde saímos entrando para um coupé alugado a Carreiro Jacinto às 10 horas.



Passamos por Alenquer, Ota, Espinheiro, Cercal, onde jantamos na Hospedaria do Leal

Seguimos por Aceiceira e chegamos às Caldas da Rainha às 6 da tarde, pernoitamos no Gaiteiro.

Saímos no dia 6, às 5 da manhã, passando por Vale da Maceira, chegando a Alcobaça, às 9 h onde almoçamos e depois de ver o Mosteiro com vagar seguimos passando por Cumieira, S. Jorge, e depois de vermos a pá de ferro da padeira de Brites de Almeida de Aljubarrota, fomos ver o mosteiro da Batalha, donde saímos às 5 h da tarde, passando por Azoita chegamos a Leiria onde pernoitamos na hosp. do Áis

Às 4 da manhã do dia 7, saímos passando pelo lugar das Machadas, chegando a Pombal as chegando a Pombal às 8 h onde almoçamos no António Tomás. Depois passamos pela Vila Bestinha, Vendas Novas, Condeixa, chegando a Coimbra às 5 horas pernoitamos na hosp. Fran. L. Carvalho.

No dia 8 fomos ver fomos ver a Universidade, o Observatório, as livrarias, o Penedo da saudade, a quinta das Lágrimas, onde foi assassinada D. Inês de Castro, o belo Passeio e o Jardim Botânico.

Às 4 h da manhã do dia 9 saímos passando por Fornos, Carqueijo, Mealhada, onde almoço na hosp. da Bazília, Seguindo por Pedreira, Ponta da Pedra, Avelãs, Aguada e Mourisca, Ponte do Vouga, Albergaria-a-velha, Albergaria a Nova, Pinheiro da Bemposta, Ponte do Pêgo e Oliveira de Azeméis, onde pernoitamos na hosp. Alegria.

Às 5 h da manhã do dia 10 saímos passando por Pico, S. João da Madeira, Arrifana, Souto Redondo, Vendas Novas, Vergadas, Grijo, Carvalhos, onde almoçamos e jantamos. De tarde saímos, passando por Arroios, Alto da Baneira, V.N. de Gaia, e no Porto fomos para a hosp. Luso-Brasileira, na rua do Calvário, n.º 72, próximo à Cordoaria.

Demorámo-nos no Porto até 19 de Junho. No dia 20, pelas 5 h da manhã, saímos do Porto e jantámos em Famalicão, seguindo para Guimarães, onde pernoitamos na Joanhina.

No dia 21 fomos a Vizela, visitar os Srs. Machado Oliveira, J.P Martins, J G. da Cunha e outros amigos que lá estavam a banhos, voltando para Guimarães.

No dia 22, depois de vermos a cidade e a feira que havia nesse dia seguimos de tarde para a nossa freguesia de Cepães, indo eu a acompanhar o meu ex-patrão e primo Castro Leite à sua casa das Nogueira, e vindo depois para esta casa da Lage, onde encontrei minha mãe e meus irmãos José, Joaquina e Maria, gozando boa saúde.

Também veio no mesmo vapor e andou sempre na nossa companhia de viagem António Gomes da Silva Guimarães, o qual hospedei nesta casa da Lage onde esteve até 29 de Julho o companheiro de viagem.

Tendo meu primo Casto Leite de visitar um seu compadre em Viana do Castelo, convidou-me para o acompanhar e fazer uma digressão até Caminha e também e ao sobrinho dele Manuel de Castro Leite, ao primo Oliveira, aos dois cunhados de Urrães e ao Guimarães que também tinha sido companheiro de viagem do Rio.

Saímos na madrugada de 29 de Julho de 1861 saímos em número de sete indo a cavalo até Guimarães. Ali alugamos ao Biscoiteiro uma caleche nos levou até Famalicão e Braga, onde demoramo-nos dois dias ; passamos um dia Jesus e depois seguimos por Barcelos para Viana do Castelo, e de lá fomos a Caminha, sempre em boas estradas, e depois de termos visto tudo

à nossa vontade voltamos até V. N. de Famalicão e de lá seguimos para o Porto o primo Castro Leite e o Guimarães e eu e os outros quatro voltamos para Cepães onde chegamos na tarde de 6 de Agosto sem incómodo algum.

No dia 28 de 1861 começaram os pedreiros a quebrar pedra para as obras da casa da Lage.

No dia 25 de Outubro de 1861 fui para o Porto e de lá para Lisboa passar o inverno deixando o meu irmão José encarregado de pagar aos pedreiros todas as semanas.

No dia 5 de Novembro saí do Porto para Lisboa na Mala-Posta às 7 horas da noite

Ceei em Oliveira de Azeméis, almocei no dia 6 em Coimbra, fomos jantar a Leiria perto das 5 horas da tarde, demorando-nos 3 quartos de horas; chegamos às Caldas da Rainha, onde alguns cearam, e andamos toda a noite chegando ao Carregado às 6 ½ da manhã esperando até às 7 pelo caminho-de-ferro em que seguimos para Lisboa onde chegamos antes das 9 h do dia 7 sem incomodo algum.

Passei em Lisboa todo o Inverno e no dia 3 de Abril voltei para o Porto onde me demorei até ao dia 19, sábado de Aleluia e nesse dia segui com o meu primo Castro Leite para Guimarães e de lá para Cepães onde chegamos de tarde passando a Páscoa com a familiar.

No dia 21 de Abril de 1862 mandei abrir os alicerces para assentar a pedra que estava pronta.

Ainda fui a Lisboa passar os Invernos de 1862 e 63, enquanto os pedreiros iam aprontando a pedra para as minhas obras, as quais terminaram em 1866, no fim de 5 anos isto as do Norte, pois mais tarde também mandei fazer as do lado Sul; ou da Igreja, para reserva de minhas irmãs, e as casas para o caseiro, alpendres e eira, que levaram 2 anos a fazer, começando em 1868 e terminando em 1870.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, J. A. Peres, *Emigração e Colónias*, Lisboa, Typ. Lisbonense, 1873.
- AGUIAR, Armando de, *Portugueses no Brasil*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1945.
- ALVES, Jorge Fernandes, “Lógicas Migratórias no Porto Oitocentista”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros, (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 78-97
- ALVES, Jorge Fernandes, *Os Brasileiros - Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*, Porto, Ed. Autor, 1994.
- AMORIM, Maria Norberta, “A família e a sua relação com o meio - Uma experiência com genealogias numa paróquia reconstituída”, separata do *Boletim do Instituto da Ilha Terceira*, Vol. XLVII, 1989.
- AMORIM, Maria Norberta, “Emigração em Três Paróquias do Sul do Pico (do século XVIII a 1930) - Abordagem micro-analítica”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 249-277.
- AMORIM, Maria Norberta, “Emigração: uma variável demográfica influente. O comportamento de gerações nascidas no Sul do Pico entre 1740 e 1890”, in ROEL, Antonio Eiras, *Emigracion Española y Portuguesa A America* (Actas del II Congreso de la Asociación de Demografía Histórica, Alicante, Abril de 1990), Alicante, Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, 1991, pp. 137-146.
- ANDRADE, Paulo Benevides Paes de, *História constitucional do Brasil*, S. Paulo, Paz e terra, 1991,
- ARROTEIA, Jorge Carvalho, “Aspectos demográficos e sociais da população portuguesa no período 1864-1981: uma análise regional”, *Estudos Demográficos*, nº30, Lisboa, I.N.E., 1991, pp. 31-39.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho, *A emigração portuguesa - suas origens e distribuição*, Instituto de Cultura e língua portuguesa - Ministério da Educação, 1983
- ARROTEIA, Jorge Carvalho, e ROCHA - TRINDADE, Maria Beatriz, *Bibliografia da Emigração Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Português à Distância, 1984.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho, *Portugal: Perfil geográfico e social*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985
- BAGANHA, Maria Ioannis Benis, “Uma Imagem desfocada: a emigração portuguesa e as fontes portuguesas sobre emigração”, in ROEL, António Eiras, *Emigração Espanhola Y Portuguesa A América*, (Actas del II Congreso de la Demografía Histórica, Alicante, Abril de 1990), Alicante, Instituto de Cultura Juan-Albert, 1991, pp.161-175.
- BARROS, João, *Presença do Brasil*, Lisboa, Dois Mundos, 1946.

- BRAGA, Jaime Salazar, *A Casa do "brasileiro" e a paisagem rural do século XIX*, Lisboa, 1986.
- BRANDÃO, Maria de Fátima, “ O bom emigrante à casa torna”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 163-183.
- BRANDÃO, Maria de Fátima, *Terra, Herança e Família*, Porto, Afrontamento, 1994.
- BRETTEL, Caroline B., *Homens que Partem, Mulheres que Esperam - consequências da emigração numa freguesia minhota*, Lisboa, D. Quixote, 1991.
- CARVALHO, Augusto de, *O Brasil - Colonização e Emigração*, 2ª edição, Porto, 1876.
- CASTRO, Ferreira, *Emigrantes* (1928); *A Selva* (1930).
- CÉSAR, Guilhermino, *O “Brasileiro” na Ficção Portuguesa*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1969.
- CLARO, António, *O Brasil Político - A Histórica contada no Senado, no Pão de Assucar e no Corcovado*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1921.
- Comissão Central Directora do Inquérito Industrial, *Inquérito Industrial de 1881 - Inquérito Directo - Segunda Parte - Visita às Fábricas - Livro Segundo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.
- COSTA, Afonso, *Estudos de Economia nacional, I - O Problema da Emigração*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1911.
- COSTA, Afonso, *Estudos de Economia Nacional: o Problema da Emigração*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1911.
- CRUZ, Maria Antonieta, “Agruras dos Emigrantes Portugueses no Brasil - contribuição para o estudo da emigração portuguesa na segunda metade do século XIX”, in *Revista de História*, volume VII, Porto, Centro de História da Universidade do Porto, 1986-1987.
- DIAS, Eduardo Moyone, *Escritas de Além-Atlântico*, Lisboa, Salamandra, 1993
- FACULDADE DE DIREITO -Universidade de Coimbra, Uma comissão de estudantes eleitos pelo respectivo curso - *Da emigração em geral e em especial da emigração portuguesa - Relatório apresentado na Aula de Administração e Direito Administrativo*, Coimbra, Imprensa Comercial e Industrial, 1876.
- FRANÇA, António d’Oliveira Pinto de, (Org.), *Cartas Baianas (1821-1824)- Subsídios para o Estudo dos Problemas da Opção na Independência Brasileira*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984
- FREIRE, Gilberto, *Casa Grande e Senzala*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- GEORGE, Pierre, *As Migrações Internacionais*, Lisboa, D. Quixote, 1977.

- GODINHO, Vitorino Magalhães, “Para uma política de emigração”: in *As Ciências Humanas: Ensino Superior e investigação Científica em Portugal. Algumas achegas preliminares*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Ciências Humanas e Sociais, 1982, pp.87-96
- GODINHO, Vitorino Magalhães, *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Arcádia, 1977.
- GOLDEY, Patrícia, “Migração e relações de produção: a terra e o trabalho numa aldeia do Minho, 1876-1976”, in *Análise Social*, n.ºs 77-79, 1983, pp. 995-1021.
- GONÇALVES, Albertino, “O Presente Ausente - O emigrante na sociedade de origem”, in *Cadernos do Noroeste*, vol.1/1, Braga. 1987. pp. 7-30.
- GONÇALVES, Albertino, “O Presente Ausente II - Vias e desvios na inteligência da emigração e da sociedade portuguesa”, in *Cadernos do Noroeste*, vol. 112/3, 1989, pp. 125-153.
- IACKSON, John A., *Migrações*, Lisboa, Escher. 1991.
- Impressões do Brasil no Século Vinte - Sua História, Seu Povo, Comércio, Indústria e Recursos*, Ed. Lloyd's Greater Brittain Publishing Company, 1.<sup>a</sup>- (Direct. principal- Reginald Lloyd), London, 1913, (Impresso para circular nos Estados Unidos do Brasil e outros países estrangeiros)
- JORGE, Ricardo, *Brasil! Brasil!*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1930.
- LEITE, Joaquim Costa, “Emigração Portuguesa: a lei e os números (1855-1914)”: in *Análise Social*, n.º 97, 1987, pp. 463-480.
- LEITE, Joaquim da Costa, “Informação ou propaganda? Parentes, amigos e engajadores na emigração oitocentista”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp.98-107.
- LEITE, Maria Carolina, “A casa em construção: actores e decisores”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp.193-205.
- MARTINS, Oliveira, *Fomento Rural e Emigração*, Lisboa, Guimarães & C<sup>a</sup> Editores, 1956.
- MATOS, Maria Isilda Santos de, “Estratégias de sobrevivência. A imigração portuguesa e o mundo do trabalho. S. Paulo, 1890-1930”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 218-237.
- MENDES, José Amado, “O contributo da biografia para o estudo das elites locais: alguns exemplos”, in *Análise Social*, n.ºs 116-117, 1992, pp. 357-365.
- MIRANDA, Sacuntala de, “Emigração e Fluxos de Capital, 1870-1914”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/Imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 47-62.

- MONTEIRO, Miguel, *Fafe dos "brasileiros" (1861)-1930) - Perspectivas histórica e patrimonial*, Fafe, ed. de autor, 1991
- MONTEIRO, Miguel, *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834)-1926) –territórios itinerários e trajectórias*, Braga, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1996;
- MONTEIRO, Miguel, *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834)-1926) –*, Fafe, ed. de autor, 200
- MONTEIRO, Miguel, “O Jogo-do-pau como representação de estatuto e hierarquia social”, *Mínia*, Braga, 1997
- MONTEIRO, Miguel, “Migrantes e Emigrantes de Fafe: dois Comportamentos sociais diferenciados, *Congresso Internacional de Demografia Histórica*, v Congresso de la ADEH, Logroño, 1999
- MONTEIRO, Miguel, “O papel dos «Brasileiro» nas Vilas do Minho: O Caso de Fafe”, in Os “Brasileiros da Emigração!”, Jorge Alves (org.), Vila Nova de Famalicão, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1999.
- MONTEIRO, Miguel, “Marcas da Arquitectura de Brasileiro na Paisagem do Minho,” *O Brasileiro de Torna Viagem*, CNCDP - Portugal, Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, 2000
- MONTEIRO, Miguel, “O Público e o Privado”, *O Brasileiro de Torna Viagem*, Lisboa, CNCDP – Portual, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, 2000
- MONTEIRO, Paulo Filipe, “Emigrantes imigrados: da Lousã ao connecticut, uma investigação em dois tempos”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 323-347.
- MONTEIRO, Paulo Filipe, *Emigração - O eterno mito do retorno*, Celta, Oeiras, 1993.
- NETO, Felix, *A Migração Portuguesa vivida e Representada -Contribuição para o Estudo dos Projectos Migratórios*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - Centro de Estudos, 1986.
- NUNES, João Arriscado, e GONÇALVES, Albertino Ribeiro, “Casa, Comunidade e Espaço Institucional”, *Cadernos do Noroeste*, Braga, 1986, 100-112.
- PEDREIA, Jorge Miguel Viana, *Estrutura Industrial e Mercado Colonial Portugal Brasil (1780-1930)*, Lisboa, Difel, 1994
- PEDREIRINHO, José Manuel, “Arquivos de Arquitectura: as casas dos emigrantes «brasileiros»“, *História*, nº98, 1986, pp. 96-100.
- PEIXOTO, João, “Migrações e mobilidade: as novas formas da emigração portuguesa a partir de 1980”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp.278-307.

- PEREIRA, Halpern, *A Política Portuguesa de Emigração, 1850-1930*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1981.
- PEREIRA, Gaspar Martins e ALVES, Jorge Fernandes, “Comportamentos Nupciais na Terra da Maia em Fins do Antigo Regime”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, nºs 8/9, 1990, pp.31-44.
- PEREIRA, Maria Palmira da Silva, *Fafe-Contributo para o Estudo da Linguagem, Etnografia e Folclore do Concelho*, Coimbra, Casa do Castelo, 1952
- PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/Imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993.
- PEREIRA, Míriam Halpern, “Algumas observações complementares sobre a política de emigração portuguesa”, in *Análise Social*, nº108-109, 1990, pp. 735-739.
- PIMENTEL, António de Serpa, *Relatório - Proposta de Lei e Documentos apresentados na Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa em sessão de 9 de Janeiro de 1877, pelo Conselheiro d' Estado, Ministro e Secretário d' Estado dos Negocios da Fazenda*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1877.
- PINA-CABRAL, João de, *Filhos de Adão, Filhos de Eva - a visão do mundo camponesa no Alto Minho*, Lisboa, D. Quixote, 1989.
- PINTO, Orlando da Rocha, *Cronologia da Construção do Brasil*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987.
- POINARD, Michel, “Emigrantes Portugueses: o Regresso”, in *Análise Social*, nº 75, 1983, pp. 29-56.
- QUEIRÓS, Eça de, *A Emigração como Força Civilizadora*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1979.
- QUEIRÓS, Eça de, O brasileiro, *Uma Campanha Alegre (de «As farpas»)*, Porto, Vol. 2, Lello, 1978, pp. 87-89
- RAMOS, Carlos Vieira, *Legislação Portuguesa sobre Emigração e Passaportes*, Lisboa, 1913.
- REGO, Diogo Pinho dos Santos, “*Os Brasileiros*» de Camilo, V. N. de Famalicão, Centro Gráfico, 1961.
- RIBEIRO, Aquilino, *A Casa Grande de Romarigães*, Lisboa, Bertrand, 1957.
- RIBEIRO, Orlando, *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1962.
- RIBEIRO, Orlando, *Geografia e Civilização*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991
- RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa, 6ª edição, 1991.

- ROCHA- TRINDADE, M Beatriz, "Comunidades Migrantes em Situação Dipolar: análise de três casos de emigração especializada para os E.U.A. para o Brasil e para França", in *Análise Social*, nº 48, 1976, pp. 983-997.
- ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz, "Refluxos Culturais da Emigração Portuguesa para o Brasil", in *Análise Social*, nº 90, 1986, pp. 139-156.
- ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz, "Remigratório: migração e retorno", *História*, nº 98. 1986, pp. 4-15.
- RODRIGUES, Henrique "Emigração, conjunturas políticas e económicas", in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993., pp. 63-77.
- RODRIGUES, Henrique Fernandes, *A emigração e alfabetização- O Alto - Minho e miragem do Brasil*, Viana do Castelo, Governo Civil de Viana do Castelo, 1995.
- ROEL, Antonio Eiras (ed.), Introduccion. Consideraciones sobre la *emigración española a America y su contexto demográfico*, (Actas del II Congresso de la asociación de Demografia Histórica, Alicante, Abril de 1900), Alicante, Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, 1991.
- ROEL, Antonio Eiras (ed.), *La Emigración Española a Ultramar, 1492-1914*, Madrid, Ed. Tabapress, 1991.
- ROWLAND, Robert, "Emigración, estructura y región en Portugal (siglos XVI-XIX)", in ROEL, Antonio Eiras, *Emigración Española y Portuguesa a America* (Actas del II Congresso de la Asociación de Demografia Histórica. Alicante, Abril de 1990), Alicante, Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, 1991, pp. 137-146.
- SALGADO, Francisco Ribeiro, *Interesses Económicos Luso-Brasileiros*, Lisboa, Livraria J. Reis & Silva, 1927.
- SCHLESINGER, Hugo, *O Brasil Não pode parar - Panorama e desenvolvimento da indústria nacional*, S. Paulo, Editorial Andes, 1954
- SERRÃO, Joel e outros, *Testemunhos sobre a emigração portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1976.
- SERRÃO, Joel, "A emigração portuguesa para o Brasil na segunda metade do século XIX (esboço de problematização)": in *Temas oitocentistas -I*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.161-186.
- SERRÃO, Joel, *A Emigração Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- SILVA, Fernando Emygdio da, *Emigração Portuguesa*, Coimbra, França & Arménio, 1917.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.), *O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*, Lisboa, Estampa, 1986.



- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, “Família e Integração do Imigrante Português na Sociedade Brasileira”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993., pp. 206-217.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Dicionário da História e Colonização Portuguesa no Brasil*, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1994.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Documentos para a História da Imigração Portuguesa no Brasil, 1850-1938*, Rio de Janeiro, Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, e outros, *História do Brasil*, Porto, Universidade Portucalense, 1991.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Guia de História do Brasil Colonial*, Porto, Universidade Portucalense, 1992.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Vida Privada e Quotidiano no Brasil*, Lisboa, 1993.
- SIMÕES, Nuno, *O Brasil e a Emigração portuguesa (notas para um estudo)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934.
- TELES, Moreira, *O Brasil e a Emigração*, Lisboa, Liv. Ventura Abrantes, 1913.
- TELLES, Bazílio, *Carestia da Vida nos Campos - Cartas a um Lavrador*, Porto, Livraria Chardron, 1904.
- TELLES, Moreira, *Emigração Portuguesa para o Brasil*, Lisboa, Liv. Ventura Abrantes, 1913.
- TRIGUEIROS, Luís Forjaz, e DUARTE, Lélia Parreira, *Temas Portugueses e Brasileiros*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação, Lisboa, 1992.
- VIEIRA, Alberto, “A emigração madeirense na segunda metade do século XIX”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 108-144.
- WALL, Karin, “Classe social, família e emigração. Uma análise diferencial das trajetórias dos migrantes de origem rural”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993., pp. 184-192.
- WESTPHALEN, Cecília Maria, e BALHANA, Altiva Pilatti, “Política e legislação imigratória brasileiras e a imigração portuguesa”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, 1993, pp. 17-27.

